

# A memória em *Yo el supremo* de Augusto Roa Bastos

Memory in *Yo el supremo*, Augusto Roa Bastos

Damaris Pereira Santana Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** Augusto Roa Bastos (1917-2005) redimensiona fatos históricos, utilizando a memória como instrumento para a reelaboração da escrita da história a partir de um novo ângulo. As questões da memória e da história constituem o tecido da produção narrativa do escritor. A memória oral assim como a memória escrita e os registros da produção historiográfica paraguaia são essenciais em sua produção narrativa, pois Roa Bastos busca na literatura uma saída não apenas para denunciar, mas também para resistir aos desmandos do poder em suas distintas instâncias. Neste texto serão tratadas as questões de memória no romance *Yo el Supremo* (1974).

**Palavras-chave:** Memória; Literatura Hispano-americana; Roa Bastos.

**Abstract:** Augusto Roa Bastos (1917-2005) reshapes historical facts using memory as an instrument for reformulating the writing of history from a new angle. The issues of memory and history are the tissue of the writer's narrative production. The oral memory, as well as the written memory and the records of the Paraguayan historiographical production are essential in its narrative production, because Roa Bastos searches in Literature an exit not only to denounce, but also to resist the power abuses in its different instances. In this text the issues of memory will be dealt with in the novel *Yo el Supremo* (1974).

**Keywords:** Memory; Hispanic American Literature; Roa Bastos.

Para Carlos Fuentes, no prólogo da edição de *Yo el Supremo* (2008), nesse romance, Roa Bastos apresenta a memória através do material historiográfico, que serve de base para imaginar a história e criar outra nação. Esta segunda

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil. Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Brasil. E-mail: [dpslbrasil@gmail.com](mailto:dpslbrasil@gmail.com).

nação da imaginação de Roa e a cultura são a força real do povo, não a frágil nação do discurso oficial e do arquivo histórico (FUENTES, 2008, p.15).

A memória é apresentada através de documentos que vão sendo ditados e editados, recopilados e corrigidos. Nessa atividade, vão sendo escritas as memórias individuais do Supremo em seu caderno privado; as memórias dos outros sobre o Supremo, ou seja, uma seleção de biografias, no caderno de *bitácora*; e a memória coletiva que se apresenta na emissão da circular perpétua. Roa Bastos utiliza biografias, decretos, documentos, imagens e metáforas para trazer à tona a memória coletiva do Paraguai.

O romance pode ser considerado subversivo na medida em que exige uma revisão do passado. A narrativa se constrói sobre um sistema de citações diretas e indiretas, numa rede intertextual complexa, que busca apreender a memória coletiva do Paraguai no período histórico registrado pelo romance, que é praticamente toda a sua história.

A memória em *Yo el Supremo* situa-se nos progressos da memória escrita, da Renascença aos nossos dias, assunto tratado por Le Goff, referindo-se às rodas da memória, que são movidas por sinais, notas, caracteres, selos. (LE GOFF, 2010, p. 455) Esse movimento ocorre no romance com a circular perpétua, movida pelas notas do compilador, da letra desconhecida, da voz tutorial e dos arquivos da história, em geral.

Na história contada, o pasquim leva à busca de seu pretense autor entre os opositores do regime que estão presos na escuridão total, motivando assim a investigação em milhares de documentos da história do Paraguai. Para o secretário Patiño seria impossível que o autor do pasquim estivesse entre esses encarcerados, mas o Supremo o repreende dizendo: “*Tienen memoria*”, podem ter memorizado o texto. “¿Sabes tú qué es la memoria?” (ROA BASTOS, 2008, p. 24). Com essa indagação, o Supremo faz uma longa reflexão sobre o que seria a memória. Para responder à pergunta o Supremo diz que a memória é: “Estómago del alma, dijo erróneamente alguien. Aunque en el nombrar las cosas nunca hay un primero. No hay más que infinidad de repetidores. Sólo se inventan nuevos errores. Memoria de uno solo no sirve para nada” (ROA BASTOS, 2008, p. 25). O texto não traz a identificação do autor da frase, mas diz que a definição

é errônea, certamente porque essa frase já fora questionada por Santo Agostinho no Livro X de suas *Confissões*:

Portanto que sem dúvida a memória é uma espécie de estômago da alma, enquanto que a alegria e tristeza são uma espécie de manjar doce e amargo: quando são confiadas à memória, como que passadas para o estômago, podem lá ser guardadas, mas não podem ter sabor. É ridículo considerar estas coisas semelhantes àquelas, mas também não são dessemelhantes sob todos os aspectos. (SANTO AGOSTINHO, 2008, p. 60)

O Supremo ironiza utilizando a metáfora: “Estómago del alma. ¡Vaya fineza! ¿Qué alma han de tener estos desalmados calumniadores? Estómagos cuadrúpedes de bestias cuatropeas.” Ao comparar seus opositores a animais ruminantes, define suas memórias como: “Memoria de masca-masca. Memoria de ingiero-digiero. Repetitiva. Desfigurativa. Mancillativa. Profetizaron convertir a este país en la nueva Atenas. Areópago de las ciencias, las letras, las artes de este Continente...” (ROA BASTOS, 2008, p. 24).

O romance faz referência à memória como pedra, fazendo analogia com duas pedras que servem como fio condutor na construção narrativa. O seguinte episódio apresenta a primeira pedra: por causa de uma infestação de carrapatos, o Supremo ordena que se mate e enterre a única vaca de sua suposta irmã, Petrona Regalada. Segundo sua dona, a vaca continuava mugindo debaixo da terra. Foi feita uma autópsia e encontrada a pedra bezoar<sup>2</sup> no estômago da vaca. A irmã do Supremo se apega à pedra e diz que a pedra cura, adivinha e murmura vozes, que inclusive Patiño e o soldado que sacrificou a vaca também diziam ouvir. O ditador diz que sua irmã está louca e pede que ela esqueça o tema e se desfaça da pedra. Com o pretexto de que o Supremo também tem uma pedra presa à sua cadeira, no gabinete de governo, Petrona não aceita desfazer-se da pedra ruminante.

O Supremo considera a atitude de sua irmã uma loucura, “memoria al revés que olvida su camino al par que lo recorre. Quien que tenga en su cerebro algún

---

<sup>2</sup> De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, **bezoar** significa: “1. pedra ou nódulo calcário que se forma no estômago de certos animais e que era usado como antídoto para diversos venenos; 2. Antiga preparação farmacêutica, considerada antídoto para envenenamento, preparada com essa pedra”.

tinte puede sostener tales manías” (ROA BASTOS, 2008, p. 26). Como Patiño também está impressionado com os poderes da pedra, o ditador o adverte: “Olvida, Patiño, la piedra-bezoar. Olvida tu chifladura de ese oído que podría comprender todos los idiomas en uno solo. ¡Insanias!” (ROA BASTOS, 2008, p. 27).

As reflexões sobre a outra pedra, a que se refere Petrona, e a necessidade de sua captura aparecem na circular perpétua, em referência à assembleia inaugural da pátria, em julho de 1810. O Supremo narra a captura do aerolito que caiu no Chaco a cem léguas de Assunção. Roa Bastos dá asas à imaginação, inventando uma mulher grávida e o papel decisivo do filho da mulher no traslado do meteoro pelo rio Paraguai até Assunção, de maneira que a dimensão mítica da caça ao acaso<sup>3</sup> supera o tempo empregado por Ulisses e por Pedro Malasartes em suas aventuras. O Supremo orgulha-se porque, apesar de tantas dificuldades, “Está ahí. Meteoro azar engrillado, amarrado a mi silla.” (ROA BASTOS, 2008, p. 147).

Para Nora Esperanza Bouvet, em sua leitura de *Yo el Supremo*, as duas pedras da memória: “*piedra-bezoar*” e “*piedra-azar*”, cuja simbologia permeia o romance, representam dois tipos de memória, a má e a boa memória. A má memória é representada pela “*piedra bezoar*” e a ideologia dos pasquinistas e a boa memória, criativa, inteligente, exercitada através da imaginação e da linguagem é representada pela “*piedra-azar*”.

Essa simbologia que está baseada na instauração da pedra como monumento da memória ao longo do tempo na cultura ocidental. Quando Le Goff (2010, p. 427) discorre sobre o desenvolvimento da memória, da oralidade à escrita, da Pré-história à Antiguidade, ele fala das formas de memória que são a comemoração, a celebração através de um monumento e pontua sobre o mármore como suporte a uma sobrecarga de memória. Os arquivos de pedra em *Yo el Supremo*, a “*pedra-bezoar*” e o “*meteoro-azar*”, estão associados às reflexões sobre a memória. Pedras, monumento como fio condutor da reflexão sobre a memória e como um recurso literário.

---

<sup>3</sup> No romance há um trocadilho com a palavra “azar”, que é “raza”. “Azar” em espanhol pode ser traduzido ao português como “acaso”.

É curiosa a analogia das duas pedras: a ruminada, produzida no interior da vaca e a do acaso, o meteorito que cai do céu, do exterior, poderiam representar as duas temporalidades: a cósmica, de fora, e a interna, a psicológica, gestada no interior dos seres humanos. A pedra bezoar representa a memória individual, a memória ruminante e a pedra do acaso, a memória coletiva.

Na reflexão sobre a simbologia das pedras, vale a pena recordar que o nome da irmã do Supremo está ligado semanticamente à pedra, já que Petrona deriva do latim *petra*. Seu nome completo é Petrona Regalada, ou seja, pedra dada de presente: uma associação entre pedra e memória. Seria Regalada pelo fato de ser uma “*presunta hermana*”? Adotiva, suposta, meia-irmã? Segundo Bouvet (2009, p. 190), entre os muitos nomes próprios históricos de eventuais autores do pasquim, foram escolhidos pela motivação semântica e estão associados a pedra, como por exemplo “Peña”, pedra grande ou “Molas”, pedra de moinho.

Para Le Goff (2010, p. 428), “[...] a outra forma de memória é o documento escrito num suporte especialmente destinado à escrita”. O historiador francês ainda salienta que “[...] todo documento tem em si um caráter de monumento e não existe memória coletiva bruta”. Além da pedra como monumento, paralelamente existem outros fios condutores na construção de *Yo el Supremo*; são os diversos monumentos escritos embaralhados: os documentos históricos, as circulares, o documento apócrifo e muitos outros.

*Yo el Supremo* é apresentado como uma cópia baseada na combinação de citações, que vão sendo transformadas pelo compilador, contradizendo assim as verdades consagradas pela história.

Así, imitando una vez más al Dictador, [...] el a-copiador declara, con palabras de un autor contemporáneo, que la historia encerrada en estos apuntes se reduce al hecho de que la historia que en ella debió ser narrada no ha sido narrada. En consecuencia, los personajes y hechos que figuran en ellos han ganado, por fatalidad del lenguaje escrito, el derecho a una existencia ficticia y autónoma al servicio del no menos ficticio y autónomo lector. (ROA BASTOS, 2008, p. 586)

A escrita que possui as funções de armazenamento de informações e a possibilidade de reexame e de correção. Para Pacheco (1986, p. XV), o intertexto é o principal agente de significação desse romance de Roa Bastos. A tônica é a

revisão e a correção dos arquivos que armazenam a história do Paraguai. O próprio Roa Bastos pontua que, como compilador dos elementos que compõem essa história imaginária, “[...] yo he sido también un simple lector: Lector de documentos reales o fraguados, escuchador de la tradición colectiva, oidor de esa gran voz coral que vivifica los hechos acontecidos transformándolos sin cesar” (RODRÍGUEZ-ALCALÁ, 2011, p. 46).

O Supremo sempre evoca os documentos, os materiais escritos para trazer à memória seus feitos considerados gloriosos. Usa os arquivos também para lembrar que ele era querido pelos políticos no início de sua jornada como governante. Na investigação para descobrir quem era o autor do pasquim pede a Patiño: “Tráeme las que Molas me rinde pleitesía durante el Primer Consulado, luego durante la Primera Dictadura. Quiero releer el discurso que pronunció en la Asamblea del año 14 reclamando mi elección de Dictador” (ROA BASTOS, 2008, p. 22). Vale-se do material escrito também para trazer à memória aqueles que nunca entenderam o seu trabalho sobre a independência: “Tráeme también los panfletos de Manuel Pedro de Peña. ¡Sicofantes rencillosos! Se jactan de haber sido el verbo de la Independencia. ¡Ratas! Nunca la entendieron. Se creen dueños de sus palabras en los calabozos. No saben más que chillar” (ROA BASTOS, 2008, p. 22).

Um dos monumentos escritos é o *Cuaderno Privado*, que eram cadernos grandes que foram usados pelo Supremo desde o começo de seu governo para o registro das contas da tesouraria. Mas esses cadernos não traziam somente os dados financeiros do governo; em suas folhas: “[...] inconexamente, incoherentemente, hechos, ideas, reflexiones, menudas y casi maniáticas observaciones sobre los más distintos temas y asuntos; los [...] positivos en la columna del Haber, los negativos en la columna del Debe” (ROA BASTOS, 2008, p. 39).

O caderno privado possui um caráter autobiográfico e um tom íntimo, nele predominando a reflexão. É nesse caderno que o ditador se apresenta como uma pessoa só, deprimida, enclausurada em seu próprio país. Pode-se pensar em um recurso que explicita a memória individual.

Um incêndio pouco antes da morte do Supremo destruiu grande parte do livro de comércio, juntamente com outros papéis que ele trazia guardados a sete

chaves em uma de suas arcas. No romance há sempre, em partes do *Cuaderno Privado*, uma nota da letra desconhecida, em itálico e a observação: *quemado, ilegible el resto del párrafo*. (ROA BASTOS, 2008, p. 66). Na saga de descobrir quem teria escrito o Pasquim, o Supremo e seu secretário fazem uma revisão geral nos arquivos, e Patiño, cansado, querendo desistir, diz que alguns documentos que não tinham sido encontrados não eram tão importantes. O Supremo o repreende:

Esos documentos, aun los más insignificantes a tu desjuicio, tienen su importancia. Son sagrados, puesto que ellos registran circunstanciadamente el nacimiento de la Patria, la formación de la República. Sus muchas vicisitudes. Sus victorias. Sus fracasos. Sus hijos beneméritos. Sus traidores. Su invencible voluntad de sobrevivir. (ROA BASTOS, 2008, p. 47)

Esta é uma das passagens na qual o Supremo demonstra o valor dos documentos para a constituição da memória de um povo. Os documentos fazem parte dos arquivos de memória. A narrativa é uma construção em leitura, escrita, e correção do que se escreve, pois, “[...] es forzoso escribirlo todo para comunicarse, y de este modo llega un día en que la posteridad se halla en la posesión hasta de los más recónditos pensamientos de los hombres del pasado y puede estudiarlo mejor que teniéndolos a la vista” (ROA BASTOS, 2008, p. 157). Este é o objetivo de Roa Bastos: escrever uma *contrahistoria*, pois, para ele, o discurso da história não é confiável, já que é um discurso incapaz de escrever o que passa pelo imaginário coletivo: a história ou a imprensa oficial não conseguiriam penetrar nos pensamentos de uma sociedade.

Outro monumento escrito é o “*Cuaderno de bitácora*”, caderno onde se faz anotações sobre os acontecimentos de uma viagem de barco, mas no romance é o registro das biografias sobre o Supremo, ou seja, onde estava o que se dizia do ditador. Seriam os relatos dos estrangeiros, os irmãos Robertson, Rengger e Longchamp, os relatos dos historiadores Julio César Chavez, José Antonio Vázquez e Bartolomé Mitre, as notas do compilador, ou seja, todos os arquivos que servem de base para a construção do Supremo.

A circular perpétua é o documento-monumento ditado pelo Supremo ao seu amanuense, Patiño. Como sugere sua denominação, a circular é construída

sobre uma cíclica repetição de auto justificações e tem objetivo político. Desse modo, o Supremo a utiliza para a reconstrução da história passada, com suas projeções presente e futura. O ditador, diferente de como aparece no caderno privado, apresenta-se ativo, autossuficiente, valente, seguro em suas ações, dominador da realidade e da história. Nesse documento, o Supremo nunca fala dele mesmo, pois o que lhe interessa é o histórico e o político. A circular está endereçada ao povo paraguaio.

Al principio no escribía; únicamente dictaba. Después olvidaba lo que había dictado. Ahora debo dictar/ escribir; anotarlo en alguna parte. Es el único modo que tengo de comprobar que existo aún. Aunque estar enterrado en las letras ¿no es acaso la más completa manera de morir? ¿No? ¿Sí? ¿Y entonces? No. Rotundamente no. [...] Se escribe cuando ya no se puede obrar. Escribir fementiras verdades. Renunciar al beneficio del olvido. Cavar el pozo que uno mismo es. Arrancar del fondo lo que a fuerza de tanto tiempo allí está sepultado. [...] De lo único que estoy seguro es que estos Apuntes no tienen destinatario. Nada de historias fingidas para diversión de lectores que se lanzan sobre ellas como mangas de acridios. Ni Confesiones [...] esto es un Balance de Cuentas. Tabla tendida sobre el borde del abismo. (ROA BASTOS, 2008, p. 75-76)

Esta passagem, por exemplo, corrobora a importância da escrita na preservação da memória, pois é uma maneira de se “*renunciar al beneficio del olvido*”. Como a memória é imortalizada pela escrita.

Para o Supremo, a memória dos “memoriosos” é uma má memória, pois é meramente armazenadora, que repete sem refletir e é demasiada porque exige esquecimento.

¿Olvidas la memoria, tú, memorioso patán? Puede que no dispongan de un cabo de lápiz, de un trozo de carbonilla. Pueden no tener luz ni aire. Tienen memoria. Memoria igual la tuya. Memoria de cucaracha de archivo, trescientos millones de años más vieja que el homo sapiens. Memoria del pez, de la rana, del loro limpiándose siempre el pico del mismo lado. Lo cual no quiere decir que sean inteligentes. Todo lo contrario. ¿Puede certificar de memorioso al gato escaldado que huye hasta del agua fría? No, sino que es un gato miedoso. La escaldadura ha entrado en la memoria. La memoria no recuerda el miedo. Se ha transformado en miedo ella misma. (ROA BASTOS, 2008, p. 23)



Para o Supremo, o esquecimento faz parte da estrutura da memória porque para lembrar alguma coisa faz-se necessário esquecê-la. Segundo Paul Ricoeur (2012, p. 424), em princípio o esquecimento é considerado um dano à confiabilidade da memória. A própria memória luta contra o esquecimento, já que uma memória que nada esquecesse seria considerada monstruosa. Ricoeur problematiza essa perspectiva paradoxal, dizendo que o esquecimento constitui-se uma das condições da memória. (RICOEUR, 2012, p. 435). Dessa forma, esquecimento não significa amnésia, pois se faz necessário poder esquecer-se dos detalhes sem relevância para concentrar-se no que é essencial.

Em *Yo el Supremo*, memória e esquecimento exigem equilíbrio, pois muita memória, ou seja, em excesso, carrega o discurso de detalhes desnecessários, fazendo ignorar o verdadeiro sentido dos fatos. (ROA BASTOS, 2008, p. 40). É necessário saber lembrar e saber esquecer; não é a quantidade do que se lembra ou do que se esquece que faz construir uma boa memória, mas a qualidade do que se lembra ou se esquece. Trata-se uma vez mais, da memória seletiva:

[...] Pero para poner buen semblante no hay más remedio que acordarse de todas las contrariedades. Disculpen, nobles señores. De seguro estarán fatigadas sus mercedes con tantas bufonerías. Olvídenlas, se lo ruego. Lo que es necesario recordar es el bien de nuestras patrias. Debemos reflexionar sobre lo que hemos convenido [...]. (ROA BASTOS, 2008, p. 315)

O objetivo do Supremo, que é de sempre lembrar somente o que lhe convém, ao tratar dos feitos revolucionários relativos à independência do seu país, complementa:

[...] Soy sumamente optimista, pero no amnésico. Un mínimo de memoria es indispensable para subsistir. La anulación de esta facultad comporta la idiotez, y nosotros aquí, en el Paraguay, no bebemos el negro café de cardamomo de los olvidadizos bereberes, sino la infusión de yerbamate o el té de porotillo, que ayudan a conservar la memoria, y dentro de ella los buenos y malos recuerdos. (ROA BASTOS, 2008, p. 316)

O Supremo está imobilizado pela morte, e nessa condição encontra-se em constante rememoração. Suas lembranças vão desde as primeiras tentativas revolucionárias pela independência do Paraguai até o momento de sua morte. Nessa condição, há o paradoxo de morto que vive para lembrar.

Em *Yo el Supremo* tem-se a memória dos efeitos das lutas pela independência, as memórias sobre o governo do Supremo e também da Guerra Grande. Bouvet (2009) pontua que o romance apresenta-se num texto subversivo que exige uma revisão do passado que explique sua presença e consequentemente “[...] *una teoría de la memoria que permita mover las piedras enquistadas en las fuentes históricas y en la tradición oral, lugares comunes repetidos a través del tiempo, [...] memoria previa a la escritura*” (BOUVET, 2009, p. 183).

A rememoração nas narrativas não repete o que se lembra, mas há uma abertura “[...] aos brancos, aos buracos, ao esquecido, ao recalcado, para dizer, com hesitações, solavancos e incompletudes, aquilo que ainda não teve direito à lembrança nem às palavras” (GAGNEBIN, 2009, p. 55). Este lembrar significa uma atenção precisa ao presente, especialmente às insurgências do passado no presente, não tendo apenas o objetivo de não esquecer o passado, mas de agir sobre o presente. A produção literária de Roa não tem o passado como um fim em si, mas como alavanca essencial à transformação do presente.

São memórias que surgem nos documentos apócrifos em *Yo el Supremo*, elementos históricos e memorialísticos do Paraguai que constituem os referentes ficcionais por meio dos quais Roa Bastos apresenta questões universais como a relação entre história e mito, memória e esquecimento, memória coletiva e poder.

Ainda que narre fatos passados, Roa Bastos fala a partir do presente com suas tensões, seus conflitos e carências. Suas narrativas buscam visitar o passado histórico com o objetivo de lembrar o que não se deve esquecer para que esta mesma história não se repita.

## Referências

BOUVET, Nora Esperanza. **Estética del plagio y crítica política de la cultura en Yo el Supremo**. Asunción: Servilibro, 2009.

ROA BASTOS, Augusto. **Yo el Supremo**. Buenos Aires: Debolsillo, 2008.

FUENTES, Carlos. Augusto Roa Bastos: El poder de la imaginación. In: ROA BASTOS, Augusto. **Yo el Supremo**. Buenos Aires: Debolsillo, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**, Livros VII, X e XI. Trad. Arnaldo do Espírito Santo; João Beato; Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel. Covilhã: Lusofia. net, 2008. Disponível em: <[http://www.lusofia.net/textos/agostinho de hipona confessiones livros vii x xi.pdf](http://www.lusofia.net/textos/agostinho%20de%20hipona%20confessiones%20livros%20vii%20x%20xi.pdf)> Acesso em: 17jul2012.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Beatriz (org). **Comentarios sobre Yo el Supremo**. Asunción: Servilibro, 2011.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et. al]. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.